

## A Retomada e a Reinvenção dos Contos de Fada pela Mídia<sup>1</sup>

Carolina Chamizo Henrique Babo<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero

### Resumo

O presente artigo pretende evidenciar a retomada e a reinvenção dos contos de fada, por meio de filmes, animações e seriados da atualidade. Ao observarmos a expressiva quantidade de produtos cinematográficos e televisivos ligados à essa temática, acredita-se ser fundamental o estudo de tal fenômeno. A proposta desta investigação centrou-se em identificar o lugar e a importância dos contos de fada para o ser humano e para a cultura, além de verificar os motivos e os modos da transposição dos mesmos em distintas produções da atualidade, em um reflexo da indústria cultural em que passaram a ser reproduzidos e oferecidos aos público.

**Palavras-chave:** comunicação; cultura; contos de fada; produtos midiáticos; imaginário.

### Introdução

Há quem pense que os contos de fada sejam apenas histórias de crianças. Alegorias narradas aos pequenos antes de dormir ou uma forma de distração para que os mesmos passem o tempo lendo um livro ou assistindo seu desenho preferido na televisão, enquanto seus pais, os adultos, aqueles que acreditam não mais precisarem disso, trabalham ou fazem algo muito importante. Essas pessoas se enganam por pensar assim, pois, de acordo com os estudos do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), os contos são um dos mais admiráveis meios de comunicação que possuímos com o nosso inconsciente. Ao lado dos sonhos, eles representam a forma mais pura de diálogo com esse lado desconhecido de nossa psique, a porta que se abre para o “País das Maravilhas”.

Mas o que é afinal um conto de fada? Alguns diriam tratar-se de histórias fantásticas, narrativas que trazem ensinamentos, jornadas que proporcionam aprendizados aos seres humanos, contos responsáveis por expor a aventura de um herói que passa por diversos perigos e encontra, após uma virada surpreendente, um final feliz ou merecido.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginários, pertencente à Divisão Temática Estudos Interdisciplinares, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, especialista em Teorias e Práticas da Comunicação, também por esta instituição e graduada em Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Participa ainda do grupo de pesquisa “Comunicação, Diálogo e Compreensão”, do CNPq, ao qual está vinculado o projeto de pesquisa “A Compreensão como Método”, desenvolvido pela Faculdade Cásper Líbero em conjunto com pesquisadores da Universidade de Antioquia, Medellín, Colômbia. E-mail: chamizobabocarol@gmail.com.

Tentemos ir além. Mais interessante do que procurar uma explicação fechada e encerrada em definições, o ideal seria senti-los, compreendê-los, deixá-los fluir livremente em momentos de magia e reflexão.

Como parte fundamental da psique, os contos de fada habitam nossa alma, dialogando a todo o momento com o que temos de mais valioso dentro de nós: nosso universo imaginário, simbólico, nossa capacidade de criar narrativas, inventar histórias e exteriorizar sonhos. Estudá-los e compreendê-los significa estudar e compreender não somente a história humana, mas, e principalmente, a história de cada ser humano, uma vez que eles pertencem aos reinos encantados do inconsciente e refletem diretamente na nossa mais importante forma de representação simbólica, que é a própria vida.

Essas belas e, muitas vezes, sombrias narrativas, contadas pelos seres humanos desde os tempos mais remotos, são originadas no interior, em contato direto com a nossa essência. Jung denomina esse lugar, onde nascem e vivem as histórias, inconsciente coletivo, sendo essa uma camada mais profunda do inconsciente, habitada por conteúdos idênticos e compartilhada por toda a espécie humana. O inconsciente coletivo surge como o espaço responsável por originar as nossas mais diversas formas de mitologia. É ele o primeiro reino encantado da fantasia.

Povoado por estruturas comuns, denominadas por Jung arquétipos, que seriam, em suas próprias palavras, “tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2012, p. 13), o inconsciente coletivo exhibe a força que carrega em si ao oferecer histórias tão simples, porém, que tocam diretamente a quem as escuta.

Por serem narrativas universais, os contos de fada moldam a vida de homens e mulheres e refletem nossas alegrias e medos, enquanto nos auxiliam na compreensão de nosso lugar no mundo. Jung os expõe de maneira inspiradora, quando afirma que: “o conto, sendo um produto espontâneo, ingênuo, irrefletido da alma, só pode expressar aquilo que é próprio da alma” (JUNG, 2012, p. 240).

Talvez, a mais bela noção tenha surgido nos estudos de Marie Louise Von Franz, que compara essas narrativas, em uma poética metáfora, com o movimento realizado pelo mar: “para mim, os contos de fada são como o mar, e as sagas e os mitos são como ondas desse mar, um conto surge como um mito, e depois afunda novamente para ser um conto de fada” (VON FRANZ, 2012, p. 33).

Responsáveis por nos mostrar sombrios caminhos, inspirar os mais belos sonhos e ensinar importantes lições, essas narrativas têm como principal “missão” nos guiar pelos labirintos da vida consciente, sempre com o auxílio do nosso mundo simbólico, o inconsciente, que alguns aprendem a esquecer e que nós devemos aprender a decifrar.

Nascidos nas profundezas de nossa alma, “esse ser eólico, de cores cintilantes, semelhante a uma borboleta” (JUNG, 2012, p. 211), que sonha os sonhos do mundo, os contos de fada emergem de nosso inconsciente para encantar e colorir a vida humana, desde o mais remoto tempo. Seus motivos são surpreendentemente semelhantes e repetem-se entre as mais variadas culturas. Ao contrário do que pensa a maioria das pessoas, eles não são direcionados apenas às crianças e servem como guias para todos nós. Por meio de seus símbolos, formam uma linguagem universal, que é compreendida imediatamente. Por todos. Em todas as épocas. Em todos os lugares.

Infelizmente (ou felizmente) parece não haver combinação alguma de palavras que represente sua real importância e que tenha condições de defini-los. Porque não se trata de um apanhado de conceitos. Isso nunca. Trata-se de uma profusão de sentimentos. Repletos de encanto e magia, os contos de fada devem ser lidos com o coração. Tentar usar a visão para entendê-los seria um erro muito grave. Traria a cegueira da alma.

Assim, devemos deixar que eles nos toquem, nos inspirem, nos mostrem seus ensinamentos, nos encantem ou assustem, com suas belas fadas e poderosas bruxas. Devemos acreditar nesses seres e, com seu auxílio, viajar para o reino desconhecido, que habita nosso mais profundo mundo interior. Um mundo cheio de mistérios, os mais diversos. A chave que abre essa porta parece, para alguns, impossível de ser alcançada e, para outros, proibida. Mas, como nos alerta Jung, “nada excita mais a nossa curiosidade do que uma proibição” (JUNG, 2012, p. 237).

Façamos a chave girar, portanto, e adentremos o mundo encantado. Certamente, depois dessa experiência, não mais veremos nessas histórias, narrativas “tolas” ou “infantis”. Entenderemos sua importância e seus ensinamentos, sua beleza e seu horror. Cada vez que uma luz brilhar enxergaremos uma fada e cada vez que as trevas surgirem em nossa vida, saberemos que é obra de uma bruxa. Ah, mas elas não fazem por mal. De jeito nenhum. A luz e as trevas existem dentro de cada um de nós. Suas manifestações nos orientam. Seus conselhos nos transformam. Seu pó é mágico e nos possibilita voar. Suas maldições são necessárias e nos permitem amadurecer. Assim, quando uma voz ressoar, novamente, bem baixinho em seu ouvido, preste atenção. Pode ser uma delas.

## Importância e declínio dos contos de fada

“Era Uma Vez”. Três palavras mágicas capazes de nos retirar de nosso mundo “real” e nos transportar diretamente para um reino encantado de imaginação e fantasia, repleto de princesas, príncipes, rainhas, reis e fadas madrinhãs. Porém, esse pode ser também um local sombrio, habitado por bruxas, dragões, maldições e feitiços cruéis.

Um lugar em que abóboras transformam-se em carruagens, trapos em vestidos de festas, um sapatinho encantado revela o verdadeiro amor, e feras são, na realidade, belos príncipes. Mas esse é também um espaço em que malvadas madrastas desejam matar suas enteadas, meninas cortam seus próprios pés, fadas sequestram adolescentes, pais deceparam as mãos de suas filhas, viajantes jogam boliche com pernas e cabeças humanas, crianças são abandonadas sozinhas em uma floresta e sapos são arremessados contra paredes.

Ah, sim! Porque os contos de fada não retratam apenas histórias cheias de personagens mágicos e perfeitos. Essas narrativas espelham a nossa vida. Se existe a maldade nelas, é porque existe a maldade no mundo. G. K. Chesterton, em sua obra *Tremendous Trifles*, expõe alguns desses ensinamentos revelados pelos contos, quando afirma que:

Contos de fada não são responsáveis por causar medo nas crianças (...); contos de fada não produzem na criança as ideias de maldade ou feiura; isto já está presente na criança, porque está presente no mundo. Contos de fada não fornecem à criança sua primeira lembrança do bicho-papão. O que os contos de fada fornecem à criança é a sua primeira ideia de que o bicho-papão pode ser derrotado. O bebê vem conhecendo o dragão intimamente, desde que ele adquire sua imaginação. O que os contos de fada fornecem a ele é a figura de São Jorge para matar o dragão (Chesterton, 1909, p.102)<sup>3</sup>.

Esse reino encantado ou sombrio, ou melhor ainda seria dizer encantado e sombrio, como somos todos nós, não é constituído apenas por histórias contadas para distrair ou divertir. Esse reino traz uma série de ensinamentos capazes de instruir e transformar os seres humanos. Ao entrarmos em contato com essas narrativas, desde muito cedo, aprendemos determinadas lições que de outra maneira não poderíamos conhecer. E, claro,

---

<sup>3</sup> Tradução do autor: "Fairy tales are not responsible for producing in children fear (...); fairy tales do not give the child the idea of the evil or the ugly; that is in the child already, because it is in the world already. Fairy tales do not give the child his first idea of bogey. What fairy tales give the child is his first clear idea of the possible defeat of bogey. The baby has known the dragon intimately ever since he had an imagination. What the fairy tale provides for him is a St. George to kill the dragon".

nos deparamos com um tipo de conhecimento que nos arrebatava, nos prende, já que como poeticamente nos indica Joseph Campbell (2010, p. 31-32):

Nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinhos; pois os heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido. Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói. E ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro de nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro.

Assim, essas narrativas míticas representam ensinamentos sobre a “sabedoria de vida” (CAMPBELL, 1990, p. 22). Ao seguir a trilha ao lado de um herói, dormir os cem anos da princesa que recebe uma maldição, adentrar na mais densa floresta ou confrontar o dragão, participamos de importantes aprendizados, ensinados pelo inconsciente, e já realizados por outros seres humanos ao longo de toda a nossa história. Deparamo-nos com perigos jamais imaginados (mas enfrentados diversas vezes) e entendemos, simbolicamente, como superá-los. Ao compreender os mitos e contos de fada compreendemos mais sobre nós mesmos, sobre nossa jornada, sobre nossa vida.

Entretanto, enquanto as culturas consideradas “antigas” valorizavam as narrativas ancestrais, a sociedade atual parece não ter tempo para esses ensinamentos. Parece não acreditar neles. A própria palavra “mito” costuma assumir o sentido de “ilusão” ou “mentira”, enquanto a expressão “conto de fada”, de modo semelhante, pode ser relacionada a uma situação fantasiosa ou irreal. Uma mulher que espera pelo “príncipe encantado” é considerada uma sonhadora. O mundo que vivemos não tolera “ finais felizes”. Ana Taís Portanova (2010, p.133), em seus estudos de Comunicação e Imaginário, também aborda essa questão quando coloca que:

Para além da indicação de uma narrativa verbal e muito ao contrário da ideia de lenda ou falseamento da realidade, o mito, nos Estudos do Imaginário, designa uma narrativa exemplar no sentido de que contém os modelos de todos os ritos e atividades humanas significativas, como a alimentação, o casamento, o trabalho, a arte, a sabedoria.

Mas é claro que os contos de fada, assim como os mitos, não devem ser interpretados em sentido literal. A beleza deles se encontra, justamente, na carga simbólica que carregam. É no interior de nossa condição humana que eles se revelam de maneira mais poética. É com nosso inconsciente, e não com o consciente, que eles falam.

E esse tipo de conhecimento, de sabedoria, deveria ser transmitido a todos os seres humanos, de qualquer idade, em qualquer época e lugar, pois os temas dessas histórias, sua bondade e violência, vivem dentro de nós. Associá-los apenas às crianças é um erro comum e grave com o qual o homem convive já, infelizmente, há muitos anos, como assinala Mircea Eliade (1963, p. 141):

Embora, no Ocidente, o conto maravilhoso se tenha convertido há muito tempo em literatura de diversão (para as crianças e camponeses) ou de evasão (para os habitantes das cidades), ele ainda apresenta a estrutura de uma aventura infinitamente séria e responsável, pois se reduz, em suma, a um enredo iniciatório: nele reencontramos sempre as provas iniciatórias (lutas contra o monstro, obstáculos aparentemente insuperáveis, enigmas a serem solucionados, tarefas impossíveis, etc.), a descida ao Inferno ou a ascensão ao Céu (ou — o que vem a dar no mesmo — a morte e a ressurreição) e o casamento com a Princesa. [...] A dificuldade está em determinar quando foi que o conto iniciou sua carreira de simples história maravilhosa, decantado de toda responsabilidade iniciatória.

Desde o século 18, com o advento do Iluminismo, passamos a defender a ótica da razão e a desacreditar de tudo o que não pudesse ser “explicado” por ela, como é o caso do pensamento mítico. Desenvolvemos uma visão científica dos fatos que nos cercam e as narrativas que não se enquadram nesse esquema devem ser deixadas de lado, como inferiores. O consciente superou, nesse sentido, os temas do inconsciente, o racional se sobrepôs ao não-racional. E essas histórias simbólicas, que tanto ajudavam (e ajudam) os seres humanos foram descartadas.

Karen Armstrong destaca que essa negação dos temas míticos, em favor da era do racional, pode ter acarretado uma espécie de embrutecimento da própria humanidade. Para a autora, “o logos tornou nossa vida melhor de várias maneiras, mas não houve um triunfo absoluto (...) talvez, devido à supressão do mito, tenhamos até regredido” (ARMSTRONG, 2005, p. 113).

No entanto, por mais que a sociedade racional em que nos encontramos inseridos tente negar esses temas, se olharmos ao nosso redor, será que os mitos e contos não estão em toda parte? Em um filme, uma animação, uma novela, uma peça teatral, em uma obra de arte? Em nossa própria história, em nossa própria vida? Habitando nossos sonhos e dialogando conosco a todo momento? Afinal, como já diria Marie Louise Von Franz (2010, p.24), “há sempre um pouco de conto de fada acontecendo na vida”. Basta sabermos ouvir o seu chamado.

## A retomada

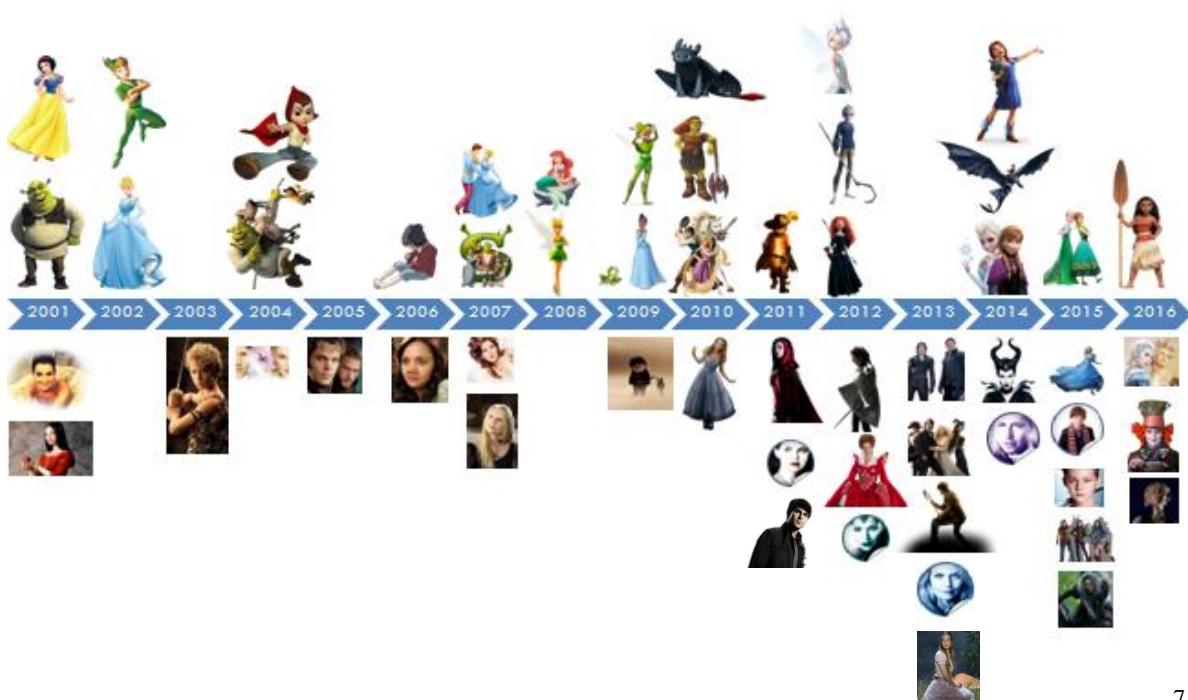
Desde o início do século 21, podemos observar um fenômeno bastante interessante se voltarmos nosso olhar à produção cultural, em especial aos filmes, seriados televisivos e animações realizadas nos Estados Unidos, um fenômeno que poderia ser entendido como uma espécie de retorno da magia.

O ano de 2001 é marcado pela estreia de duas das mais importantes franquias (relacionadas a mundos encantados) dos últimos tempos, já que a primeira parte da trilogia *O Senhor dos Anéis*, inspirada na obra do escritor inglês J.R.R.Tolkien, e o primeiro filme da saga *Harry Potter*, da também britânica J. K. Rowling, são, ambos, lançados.

Além disso, esse é o ano de estreia de *Shrek*, a animação que tem como tema central uma paródia aos contos de fada, mas que nem por isso deixa de citá-los ou utilizá-los, para criar a sua própria história que também é, na realidade, um conto. E ainda temos o relançamento, em versão platinum, do DVD *Branca de Neve e os Sete Anões*, o primeiro dos clássicos Disney, lançado, originalmente, em 1937. Para completar, há um filme baseado nesse mesmo conto, intitulado *Branca de Neve*.

A partir de então, isso que estou chamando aqui de retorno da magia, ou, mais especificamente, essa retomada à temática dos contos de fada, intensifica-se com outros títulos sendo produzidos ao longo dos anos, como fica evidenciado a seguir.

### Linha do tempo 1: Animações, filmes e seriados que fazem referências diretas aos contos de fada



## Linha do tempo 2: Animações, filmes e seriados que fazem referências indiretas aos contos de fada



Como exemplos dessa alusão explícita, podemos observar, na linha do tempo 1, os filmes *Peter Pan*; *Encantada*; *Alice no País das Maravilhas*; *A Garota da Capa Vermelha*; *Branca de Neve e o Caçador*; *Espelho, Espelho Meu*; *João e Maria: Caçadores de Bruxas*; *Oz, Mágico e Poderoso*; *Jack, O Caçador de Gigantes*; *Malévola*, *Caminhos da Floresta*, *Pan*, *Cinderela*, *O Caçador e a Rainha do Gelo* e *Alice Através do Espelho*, entre outros.

Se recorrermos às animações, a lista é ainda maior e conta com *Tinker Bell*; *Shrek*; *O Gato de Botas*; *Enrolados*; *A Princesa e o Sapo*; *Valente* e *Frozen*, para citar apenas alguns, além dos clássicos que, embora bem anteriores a essa retomada, aparecem, de tempos em tempos, em sua versão remasterizada. Assim, temos *Branca de Neve e os Sete Anões*; *Cinderela*; *A Bela Adormecida*; *A Bela e a Fera* e *A Pequena Sereia*, sempre presentes nas prateleiras das lojas. Vale ainda acrescentar aqui, nessa lista de produções que trazem os temas dos contos de fada de forma bastante explícita em seu conteúdo, os seriados *Once Upon a Time*, *Once Upon a Time in Wonderland* e *Grimm*.

Há ainda, como podemos observar na linha do tempo 2, outra forma de apropriação desses conteúdos a partir de filmes que utilizam-se deles sem que, no entanto, o público perceba o que está consumindo. É o caso das produções *Star Wars*, *O Senhor dos Anéis*, *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *O Hobbit* e *Cinquenta Tons de Cinza*, entre tantos outros.



Dessa maneira, embora o pensamento mítico pareça ter sido desacreditado e sua importância esquecida pela sociedade atual, como vimos na primeira parte do texto, é como se essa mesma sociedade estivesse necessitando justamente desse tipo de conhecimento, como nunca antes. A impressão que se tem é que, acudados, em um mundo fortemente marcado pelo cientificismo e pela tecnocracia, chegamos ao nosso limite. Essa retomada, tão forte como nunca, de conteúdos maravilhosos, revelar-se-ia, neste sentido, o sintoma de uma deficiência simbólica.

Mergulhados numa crise, sentimos a necessidade da volta aos conteúdos iniciais, arquetípicos, aqueles que, embora não possam ser comprovados sob a ótica da “razão”, possuem a capacidade de nos transmitir, justamente por isso, uma importante e valiosa mensagem. Jung nos fornece uma interessante leitura acerca deste fenômeno, na obra *O Espírito na Arte e na Ciência* (2012), a partir de sua teoria de que possa existir uma espécie de compensação dos temas arquetípicos que determinada época mais necessite. Nesse sentido, o inconsciente ofereceria ao consciente os símbolos necessários na busca pelo equilíbrio psíquico.

Para o psicanalista suíço, as obras de arte podem surgir, de maneira inconsciente ao artista, como uma forma de equilibrar a inquietação refletida pela sociedade em que o mesmo vive. Assim, determinados temas retornam à sua mente, e ele os reproduz, “acalmado” o desejo de sua época. As tendências artísticas trazem à tona, despertam “aquilo de que a respectiva atmosfera espiritual mais necessitava” (JUNG, 2012, p. 84). Ainda de acordo com Jung (2012, p. 83-84):

Este é o segredo da ação da arte. O processo criativo consiste (até onde nos é dado a segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e uma elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo a formação da imagem primordial é uma transição para a linguagem do presente artista, dando novamente a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado. É aí que está o significado social da obra de arte: ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, pois traz à tona aquelas formas das quais a época mais necessita. Partindo da insatisfação do presente, a ânsia do artista recua até encontrar no inconsciente aquela imagem primordial adequada para compensar de modo mais efetivo a carência e a unilateralidade do espírito da época.

Dentro dessa visão – que, como Jung defende, considera a “unilateralidade do espírito” de uma época e a necessidade de uma “compensação” –, é possível encontrar uma resposta, apontando nessa direção, para a retomada atual dos contos de fada. Se nossa época precisa deles, os artistas, aqui representados de modo especial pelos agentes da indústria do entretenimento, nos fornecerão esses temas.

## Reinvenções

Em nossa época, alguns dos artistas responsáveis por nos apresentar essas antigas histórias são os agentes da indústria cultural (ADORNO, HORKHEIMER, 1985), da indústria do entretenimento. Uma indústria responsável por padronizar a cultura, apresentando sua busca mais imediata pelo lucro e pelo consumo, mas também reproduzindo ideologias e legitimando discursos.

Na tentativa de compensar a nossa carência – na visão junguiana –, os agentes da indústria do entretenimento propõem-se a nos oferecer esses temas simbólicos. Entretanto, as versões fornecidas por eles são um pouco (ou muito) diferentes daquelas da tradição oral, que, posteriormente, foram compiladas nos livros ou escritas pelos seus autores.

As versões fornecidas pela indústria cultural, às quais podemos chamar de releituras ou, como prefiro, reinvenções, são alteradas e modificadas, fazendo com que a carência original jamais seja atendida. Dessa forma, sua principal “missão”, sob o ponto de vista dos estudos de mitologia, que seria a de refletir ensinamentos sobre o mundo e, principalmente, sobre o próprio ser humano, é substituída, numa certa ótica, pela propagação de determinada ideologia e pela procura evidente de lucro e consumo por parte dos grandes conglomerados de mídia.

Opto, portanto, por usar a palavra reinvenção para me referir a esse tipo de fenômeno, porque ao contrário de uma adaptação, que modificaria apenas um ou outro aspecto, essas histórias trazem, em seus roteiros, algumas novidades bastante significativas, inventando novamente, re-inventando as narrativas que conhecemos, apropriando-se de suas histórias e personagens e criando novos contos.

### Reinvenções diretas

Como podemos observar na linha do tempo 1 apresentada neste texto, inúmeras são as produções de nosso tempo que reinventam os contos de fada de maneira direta, seja por meio de filmes, animações ou seriados televisivos. Diretas porque ao vermos seu título, personagens ou sua história, logo entendemos que se trata de uma apropriação de determinada narrativa.

O início dessa reinvenção não é um fato novo, já que acontece desde o primeiro longa de animação da Disney, o clássico *Branca de Neve e os Sete Anões*, de 1937. Se

comparada com seu referencial mais imediato, o conto *Branca de Neve*, dos Irmãos Grimm, essa história já apresenta uma série de alterações, propositalmente produzidas.

No conto dos Grimm, é a mãe, não a madrasta da menina, quem a persegue. São três as tentativas de envenená-la e as vezes em que Branca de Neve confia na mulher. Entretanto, a mudança principal acontece na maneira como a jovem desperta. O “beijo do verdadeiro amor” é, na verdade, um tapa que a mesma recebe, após anos dormindo. Por não aguentar mais carregar seu caixão de vidro de um lado para o outro, o empregado do príncipe bate nas costas da jovem, que desengasga e acorda. Após esse incidente, ela se casa com o monarca, convoca um baile real e mata sua mãe, fazendo-a dançar até que seus pés queimem. A Disney, portanto, suaviza a história. O final feliz aconteceria de qualquer maneira, mas a menina deveria passar muitos anos sob a maldição antes de despertar.

Fato semelhante ocorre em *A Pequena Sereia*, conto de Andersen. Após ver um belo príncipe e se apaixonar por ele, a sereia faz um acordo com a Bruxa do Mar para trocar sua cauda por pernas. Até aí, a Disney seguiu a história do dinamarquês. No entanto, a jovem morre na narrativa original, transformando-se em espuma do mar e brisa do ar. Desfecho bastante diferente, portanto, da animação, na qual o príncipe deve lutar contra a bruxa e salvar a linda sereia de todos os perigos.

E a famosa história do sapo que se transforma em príncipe com um beijo? Mais uma das reinvenções da indústria cultural. No conto dos Grimm ao qual faz referência, *O Príncipe Sapo*, a menina o arremessa contra uma parede por sentir nojo dele e, assim, o encantamento se desfaz.

O leitor poderia imaginar que essas modificações não sejam, talvez, tão relevantes para as considerarmos como reinvenções. Entretanto, se pensarmos em termos psicológicos e mesmo sociais elas são bastante significativas. Há, nessas histórias reinventadas, uma padronização das mulheres como princesas frágeis e dos homens como príncipes destemidos que necessitam salvá-las. Já nas narrativas consideradas ancestrais, as princesas não precisavam de um agente externo. A salvação vinha de seu interior. De seu mundo inconsciente.

Jung acredita que para o ser humano ser pleno e integrado ele deve realizar o seu “processo de individuação”, isto é, o diálogo entre consciente e inconsciente que possibilita que ambos se completem, se integrem e que encontrem, por fim, o equilíbrio psíquico. Este diálogo pode ser realizado quando prestamos atenção aos nossos sonhos, quando ouvimos

seus recados e quando mergulhamos no mundo das narrativas fantásticas que chamamos de mitos e contos de fada.

Por isso é importante que essas histórias ancestrais não tenham todos os seus elementos retocados ou suavizados, como propõem os contos reinventados da indústria cultural. Claro que alguns de seus aspectos serão alterados, pois a cultura, como um mecanismo vivo, já carrega em si esse movimento de constante transformação. No entanto, por mais duras e dramáticas que algumas narrativas possam parecer, sua função é justamente fazer com que enfrentemos nossos medos, nossas sombras. Que entremos em contato com um lado que desconhecemos de nós mesmos. Um lado que evitamos. Mas que também faz parte de nós.

Nesse cenário, o homem recebe suas narrativas ancestrais pelas mãos da cultura de massa, que fornece a ele diversos produtos alterados e transformados. Este, engana-se e tende a não procurar os conteúdos primitivos no lugar em que esses realmente estão em sua forma mais autêntica: dentro de si mesmo, de seu inconsciente. Adorno e Horkheimer explicitam essa relação, quando insistem que “cada espetáculo da indústria cultural vem mais uma vez aplicar e demonstrar de maneira inequívoca a renúncia permanente que a civilização impõe às pessoas. Oferecer-lhes algo e ao mesmo tempo privá-las disso é a mesma coisa” (ADORNO, T.; HORKHEIMER, M, 1985, p. 132).

Assim, afastados desses temas ancestrais e recebendo-os, de tempos em tempos, pelas mãos dos agentes do entretenimento, que os oferecem de maneira transformada e reinventada, não conseguimos realizar esse diálogo entre consciente e inconsciente de forma plena, integrada, equilibrada, já que os símbolos e arquétipos fornecidos são alterados.

A própria sociedade também reflete essa crise, esse desequilíbrio, exposto já no primeiro capítulo, quando falávamos da “compensação” dos temas arquetípicos. Assim, em um mundo cada vez mais “racional”, necessitamos, para encontrar justamente esse equilíbrio psíquico, dos conteúdos “não-rationais”, representados pelas narrativas míticas. Por isso, as consumimos cada vez mais. Mas, ao consumir os contos maravilhosos de maneira alterada, reinventada, o diálogo que Jung propunha se torna deficitário e entramos em uma espiral bastante cruel de consumo, engano e privação. O que gera um novo consumo, um novo engano e uma nova privação. Infinitamente. Ou, talvez, fosse mais adequado dizermos “para sempre”.

## Reinvenções indiretas

As reinvenções indiretas (exemplificadas pela linha do tempo 2), que incluem produções como *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*, *O Hobbit*, *Crepúsculo* e *Cinquenta Tons de Cinza*, não foram colocadas neste estudo apenas como uma menção ao tema da fantasia. Existe nessas obras uma alusão aos mais diversos contos de fada, em relação a suas histórias e aos seus personagens. Ao contrário das reinvenções diretas, estas escondem suas menções às antigas narrativas. Mas elas também estão aqui. Só precisamos olhar com cuidado para encontrá-las.

J.R.R.Tolkien, por exemplo, compara, em seu livro *Árvore e Folha* (2013), os elfos a fadas, relacionando-os, tanto na etimologia de sua palavra, quanto na aparência e talentos que os mesmos apresentam. Além disso, esses são seres que habitam o que, para esse autor, determina o mundo dos contos de fada, o reino encantado, o *Faërie*. De acordo com Tolkien (2013, p. 09-10),

os contos de fada não são histórias sobre fadas ou elfos, mas histórias sobre o Reino Encantado, *Faërie*, o reino ou estado no qual as fadas existem. O Reino Encantado contém muitas coisas além dos elfos e das fadas, e além de anões, bruxas, trolls, gigantes ou dragões; contém os oceanos, o sol, a lua, o firmamento e a terra, e todas as coisas que há nela: árvore e pássaro, água e pedra, vinho e pão, e nós mesmos, seres humanos mortais, quando estamos encantados.

Tanto nas obras *O Senhor dos Anéis* como em *O Hobbit* podemos perceber, portanto, que Tolkien dialoga com o Reino Encantado. Seus personagens e sua magia nos remetem aos contos de fada. Os elfos são apenas um dos exemplos (e talvez o mais evidente) dessa inspiração.

Em *Harry Potter*, temos uma situação bastante semelhante. Há por trás da história do bruxo mais famoso da atualidade algumas referências que nos remetem aos contos de fada. Embora a mais óbvia delas seja, justamente, o fato de Harry descobrir que é um bruxo, é na narrativa central idealizada pela autora que o conto realmente se esconde.

Quando J.K.Rowling narra a história de um menino órfão criado pelos tios que é transportado para um universo encantado de bruxas e encontra, em seus amigos, as forças necessárias para vencer o mal, podemos fazer um paralelo com *O Mágico de Oz*. A heroína dessa história, Dorothy Gale, também é órfã, mora com seus tios e é transportada para um universo mágico de bruxas, encontrando em seus amigos as forças necessárias para vencer o mal. Histórias muito semelhantes, com uma roupagem diferente.

Enquanto Dorothy une-se ao Leão Covarde (que precisa encontrar sua coragem), ao Espantalho (que necessita de um cérebro) e ao Homem de Lata (que busca seu coração), Harry Potter (Dorothy) une-se a Hermione Granger (a menina que sempre usa seu cérebro, sua razão, uma releitura do Espantalho) e a Ronald Weasley (o garoto que traz os elementos de emoção, o coração do trio, uma reinvenção do Homem de Lata). E o Leão? Ora, todos já possuem a coragem do animal. Ou você pensa que é à toa que o Chapéu Seletor os colocou na Grifinória, a casa cujo símbolo é exatamente um leão?

Em *Crepúsculo*, as referências são ainda mais densas, já que não apenas um elemento ou um conto de fada foram utilizados. Temos aqui uma colagem de diversas histórias, resultando no auge dessa reinvenção até o momento. O tema central refere-se a uma jovem que se apaixona por um vampiro, uma fera, e já nos dá a primeira pista, em uma menção à *Bela e a Fera*.

Disfarçada de uma narrativa povoada por vampiros, aqui parece se esconder um conto de fada que, possivelmente, pode ter sido inspirado por alguns dos mais famosos que conhecemos. Nas entrelinhas de *Crepúsculo* encontram-se ainda traços de *A Bela Adormecida* (Bella dorme humana e renasce vampira), *Branca de Neve* (lembrem-se do veneno), *Chapeuzinho Vermelho* (aqui também temos um lobo mau, Jacob), *Cinderela* (Alice assume as feições de uma fada madrinha), *A Pequena Sereia* (a menina que abandona o seu mundo para se juntar ao do seu amor) e, até mesmo, *O Patinho Feio* (Bella Swan não nasceu para ser um patinho, uma humana; mas um cisne, uma vampira). As personagens nos revelam essas facetas primitivas, ancestrais, enquanto reinventam uma nova história. Um novo/velho conto de fada.

E *Cinquenta Tons de Cinza*? Ora, de novo encontramos o tema da jovem que se apaixona por uma fera (*A Bela e a Fera*), aqui representado por um homem muito rico, poderoso e, é claro, sado masoquista. E vamos além. Pensemos na cor. O cinza. Tem algum personagem de conto de fada que usa cores em seu nome? Ah tem! Claro que tem! Mas não é cinza. É azul. *Barba Azul*. Pronto. Está aqui a linha central do filme.

Para quem não se lembra do conto de Charles Perrault, essa é a história de um homem que deseja se casar, mas cada vez que isso acontece a esposa some. Até que um dia descobrimos o mistério, quando a nova escolhida entra em um quarto vermelho e encontra todas as outras mulheres mortas. Sim, o quarto vermelho nos remete ao tal "quarto da dor". E Anastasia é a nova escolhida para sofrer.

Assim, percebemos que os contos de fada (diretamente ou indiretamente) aparecem cada vez mais em diversas produções da atualidade. E isso acontece porque necessitamos deles. Porque nos reconhecemos neles. Se elas são, constantemente, aproveitadas pelos produtos da indústria cultural, é porque ainda tentam dialogar conosco, tentam nos dizer algo muito importante. E devemos reaprender a ouvir.

Sentimos saudade dos contos de fada, dos mitos. Dessas histórias que nos ensinam, nos preenchem, moldam nosso comportamento, nos humanizam. Há, no espírito de nossa época uma tristeza aparente por essa saudade, por esse distanciamento. Precisamos de nossas narrativas novamente. Precisamos das princesas e das bruxas, das fadas e dos dragões, das maçãs envenenadas e dos sapatinhos de cristal. Precisamos das migalhas deixadas por João e Maria em seu caminho e iluminadas pela luz do Lua para sairmos da floresta e voltarmos ao nosso lar.

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARMSTRONG, Karen. **Breve História do Mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário – uma proposta metodológica. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.33, n.2, p. 125-143, jul./dez. 2010

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHESTERTON. G.K. **Tremendous Trifles**. Methuen & Co. Londres, 1909.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1963.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TOLKIEN, J.R.R. **Sobre Histórias de Fadas**. São Paulo: Conrad do Brasil, 2010.

VON FRANZ, Marie Louise. **Animus e Anima nos Contos de Fadas**. Campinas: Verus Editora, 2010.

VON FRANZ, Marie Louise. **A Interpretação Dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paulus Editora, 2012.